

A Hermenêutica de Hans-Georg Gadamer: algumas considerações sobre o saber histórico

Luísa Rauter Pereira

A historiografia profissional, estabelecida como disciplina acadêmica no Ocidente no século XIX, originou-se da vitória do Romantismo sobre a Ilustração¹. A isso se deveu o crescente abandono da pretensão da descoberta das leis do processo histórico: escrever história significou cada vez mais adentrar num passado singular, desconhecido e misterioso, um contato que exige um arsenal metodológico apropriado. O historiador perdeu sua relação com seu objeto, aquela mediação entre passado e presente que caracterizou as filosofias da história modernas.

Esta vitória romântica também levou a um crescente descrédito, principalmente no século XX, em relação aos questionamentos filosóficos sobre a história. De acordo com Ankersmit, ao fechar os olhos para a diferença entre investigação histórica e escrita histórica, os historiadores se negaram a atribuir a esta última qualquer grau de autonomia frente à primeira. Deste modo, a maior parte da filosofia da história tem sido, até este momento, na verdade, uma filosofia da investigação histórica, isto é, um debate sobre as declarações particulares contidas nas obras de história. As discussões giram, portanto, em torno dos embates entre hipóteses e descobertas específicas, raramente chegando a problematizar o saber histórico como um todo. O questionamento filosófico sobre a história, para não se limitar ao seu aspecto epistemológico, requer uma visão do texto historiográfico em si e como um todo, como uma construção lingüística específica emersa no mundo cultural contemporâneo.

Perceber o escrito histórico para além de sua dimensão epistemológica, isto é, para além de sua função investigativa do passado histórico, implica, do nosso ponto de vista, entender a relação entre história e temporalidade. A história é a disciplina que lida mais

¹ Ankersmit, F. R. *Hitoria y tropologia. Ascenso y caída de la metáfora*. Mexico: FCE, 2004.

diretamente com esta questão, de modo que o um aprofundamento filosófico de nossa disciplina neste campo nos parece bastante relevante. Da mesma, forma, o aspecto retórico do estudo histórico, sua inserção nos debates da vida contemporânea como instância intelectual criativa e crítica – ultrapassando sua dimensão especializada e acadêmica - também deve ser avaliado. Neste intuito, as descobertas de Martin Heidegger², Hans-Georg Gadamer e Reinhart Koselleck são de extrema importância.

Em *Ser e Tempo*³ Heidegger procura entender a possibilidade da historiografia a partir do problema fundamental da historicidade constituinte do homem. A história, para Heidegger, é a estrutura ontológica do que chama de “pre-sença”, existência, *ou dasein* humano. A historiografia deve ser, portanto, compreendida existencialmente, como uma das formas provenientes da historicidade da “pre-sença”, antes de ser vista como disciplina científica. Somente porque o ser do homem é constituído de temporalidade, pode ser inserido no movimento histórico tal qual a historiografia vulgarmente o entende.

Desse modo, a temática historiográfica, bem como a constituição do *corpus* documental, não são tarefas da ciência históricas. Aquilo que se considera digno de ser estudado no passado, o “histórico”, já está “aberto” antes de sua atuação. O *dasein* heideggeriano constitui-se de passado na forma de “vigor de ter sido” ou “presença que vigora por ter sido presente”. Trata-se do passado ainda atuante no homem, parte de sua atualidade.

Na filosofia heideggeriana, a estrutura ontológica do *dasein* humano é a temporalidade. Numa primeira leitura, isso significa que a existência humana se define como projeto: o homem dá sentido à sua vida e ao mundo no âmbito de um projeto. É nesse âmbito que a dimensão do passado e, portanto, da historiografia, pode surgir para o homem. Para Heidegger, a verdadeira temática não é o que se passou, mas o “possível”. O “vigor de ter sido”, o passado atuante no

³ HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes, 1998.

homem, participa da projeção humana de um futuro possível e só assim podem ganhar sentido e tematização.

Gadamer se propõe então a desenvolver e ampliar as descobertas heideggerianas sobre a compreensão, agora como “modo de ser originário da vida humana mesma”⁴ e, em particular, sobre a compreensão nas ciências humanas. A estrutura existencial do “pro-jeto lançado”, fundamento da compreensão, deve estar na base das ciências do homem. Na historiografia, em particular, torna-se primordial o desenvolvimento teórico do que significa este passado ainda atuante de que nos fala Heidegger. Suas reflexões o levam a uma crítica do modo com que estas ciências se definiram a partir do Iluminismo e a uma revisão radical do significado de conceitos como *preconceito*, *tradição*, *autoridade* e outros.

Gadamer, partindo das descobertas de Martin Heidegger, entende o fenômeno da compreensão como o elemento central da existência humana temporal, histórica e finita. A partir disso, propõe uma reavaliação do modo pelo qual as ciências humanas se definem desde seus primórdios: através das noções de distanciamento metodológico e objetividade das ciências naturais. A historiografia, ao invés de se caracterizar primeiramente pelo estudo objetivo e desinteressado do passado, é vista por Gadamer como mais um caso em que a compreensão humana se realiza. Conhecer o passado seria antes de tudo relacionar-se com a tradição à qual pertencemos, através do diálogo com os textos, a partir das questões do presente histórico.

Nossa interpretação das idéias de Gadamer procura ressaltar o elemento de crítica que pode existir neste “pertencimento à tradição”, quando muitos autores, principalmente Habermas, apontam sua essência conservadora, uma única tradição que devesse ser respeitada. Concordamos com Paul Ricoeur em seu esforço de unir a atitude de crítica ideológica e a hermenêutica filosófica. Para este autor, a reinterpretação das heranças culturais é parte essencial de qualquer esforço para entender e criticar o presente, para a realização da crítica. Trata-se, porém, de uma crítica que não pretende construir uma teoria geral, como faz, por

⁴ GADAMER, H-G. *Verdade e Método*. Petrópolis, Vozes, 1997p. 40.

exemplo, Habermas; a crítica para Gadamer se dá a partir do pertencimento do intérprete àquilo que critica.

Numa primeira abordagem, a obra de Koselleck se opõe inteiramente à visão de Gadamer sobre o conhecimento histórico. Procura fundamentar-se também na filosofia de Heidegger, mas seu caminho é bastante diferente: orienta-se para a criação de categorias formais de conhecimento histórico que tematizam a historicidade do homem e tornam possível a existência da história, como conhecimento e como acontecer real. Para Koselleck, essas categorias fogem do âmbito hermenêutico criado por Gadamer, por serem transcendentais, ahistóricas e pré-lingüísticas.

Sem pretender resolver essa polêmica, nosso trabalho mostra como a obra da Koselleck realiza muitos dos elementos da hermenêutica filosófica de Gadamer. A história dos conceitos de Koselleck é um saber orientado para a compreensão e a crítica da do presente histórico, numa postura também de pertencimento e de diálogo com os textos. Partindo de suas próprias premissas teóricas, vimos como Koselleck consegue realizar esse propósito.

Neste ponto, a opção de Koselleck pelas categorias transcendentais da finitude humana é central. O “espaço de experiências” e o “horizonte de expectativas” formam as bases para a hipótese diretriz da obra do historiador: a modernidade como época em que progressivamente se rompem essas duas dimensões da temporalidade, momento em que as experiências passadas deixam progressivamente de constituir um enquadramento para o pensamento e a ação presente e uma orientação para o futuro. Essa noção de modernidade forma, portanto, um contexto amplo, um horizonte único, em que o passado e a atualidade convergem. Ocorre, de certo modo, a “fusão de horizontes” de que nos fala Gadamer. O pertencimento do interprete ao texto, à tradição ou ao passado, são garantidos.

Isso faz com que as idéias e conceitos não se fechem em seus contextos imediatos, situações de origem ou intenções autorais. Em suas análises, Koselleck nos mostra

permanências conceituais em contextos aparentemente diversos, de modo que os conceitos podem afetar e dizer respeito também ao mundo atual.

Koselleck aponta, além disso, na “história dos conceitos” a função de crítica e de criação conceitual para a ciência histórica. Por um lado, elabora e define a conceitualidade presente nas fontes para que possam servir às investigações atuais, por indicarem permanências estruturais. Por outro, pode comprovar ou não a adequação dos conceitos científicos à análise de determinadas situações históricas. Ao esclarecer sobre as transformações e permanências semânticas, a história dos conceitos enfoca, portanto, uma zona de interseção entre o passado e o presente.

As categorias formais criadas por Koselleck cumprem um papel de certa forma paradoxal em sua obra. A reivindicação de seu caráter extra ou pré-lingüístico pretende deslocá-la para fora do âmbito hermenêutico, das determinações ordinárias da linguagem. Ao serem utilizadas nas análises historiográficas propriamente ditas, estas categorias acabam por transformarem-se, em alguma medida, em elementos de diálogo com as fontes. *Crítica e Crise* realiza uma compreensão crítica do iluminismo, questionando-o a partir de uma certa noção do que constitui o fenômeno da política. Com Carl Schmitt, partilha da visão de que a política é determinada, em última instância, pela possibilidade do conflito entre os homens e os povos e da morte física. O par transcendental “amigo” e “inimigo” está na base do entendimento da política que Koselleck opõe à autocompreensão apolítica e moral apresentada pelos autores iluministas. Tal questão lançada ao iluminismo orienta toda a compreensão dos textos.

A crítica de Koselleck se dirige à razão iluminista⁵, na qual o mundo das décadas de 1950 e 60 deste século ainda está imerso, elemento central para se entender o momento da guerra fria. Ao negar seu fundamento político, o iluminismo desobriga-se da responsabilidade com o presente, o que leva ao agravamento da própria questão política com a Revolução Francesa. O homem iluminista cria laços de responsabilidade apenas com a história, cujo rumo

⁵ *Crítica e crise. Uma contribuição à patogênese do mundo burguês*. Rio de Janeiro: EDUERJ: Contraponto, 1999.

já e conhecido através da filosofia da história, e com o qual ele deve colaborar. A realidade presente passa a ser apenas um erro a ser alterado pelo curso histórico, que progride em direção à criação da razão.

O fim esperado passa a justificar quaisquer métodos de ação. A guerra civil, marca do momento em que Koselleck escreve, se torna parte de uma revolução permanente, em que as grandes potências lutam incessantemente pela tomada do poder. Na banalização dos conflitos, se diluem as finalidades éticas envolvidas nas filosofias da história em questão: a guerra se torna cada vez mais um fim em si mesma, um recurso corriqueiro justificado por um futuro projetado pela razão. É contra esta justificativa especificamente moderna que Koselleck direciona seu arsenal crítico.

A escrita histórica de Koselleck, assim, com a visão de Gadamer e Heidegger sobre a história, põe em primeiro plano o papel da temporalidade e o aspecto de inserção da disciplina nos debates políticos e intelectuais da vida contemporânea. Cabe aos historiadores ampliar tais questionamentos filosóficos sobre a disciplina, por exemplo, no que diz respeito à aplicabilidade das noções de tradição e pertencimento, não apenas à filosofia e à história intelectual, mas também aos trabalhos em história social, por exemplo.